

ENTREVISTA

LETRAMENTO DIGITAL E RESPONSABILIDADE: MOVIMENTOS DIALÓGICOS POSSÍVEIS EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Entrevista com Nukácia Meyre Silva Araújo¹
por Isabel Cristina Michelan de Azevedo²

Você já parou para pensar o quanto as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) estão impactando as salas de aula? O que podem (e devem) fazer os professores para que as TDIC possam colaborar com as aprendizagens dos estudantes? Que recursos estão disponíveis aos professores de língua portuguesa, em particular? Como os professores podem se preparar para acompanhar as mudanças que acontecem continuamente no mundo digital? Essas e outras questões são discutidas pela Dra. Nukácia Araújo na entrevista registrada a seguir. Convidamos você a uma leitura instigante e esclarecedora.

Em entrevista concedida à revista Interdisciplinar, em janeiro de 2015, a Dra. Nukácia M. S. Araújo apresenta o papel das tecnologias nas práticas de linguagem realizadas nas escolas de educação básica brasileiras, favorecendo assim a reflexão acerca das responsabilidades que a adoção de tecnologias acarreta a professores e estudantes.

Em tempos de vida líquida (BAUMAN, 2007), ou seja, em um período no qual a forma como as mudanças são processadas nos inquietam continuamente, muitos professores se perguntam: como a escola precisa estar organizada para atender às necessidades das gerações contemporâneas? Certamente, tal questionamento não prevê uma resposta única, mas solicita a identificação de alternativas para o estabelecimento de novos diálogos, visando à ressignificação das práticas pedagógicas, em particular de língua portuguesa (LP), pois é preciso refletir

¹ Professora da Universidade Estadual do Ceará - UECE, Fortaleza, Ceará, Brasil; nukacia@gmail.com.

² Professora do Programa de Mestrado Profissional (PROFLETRAS) da Universidade Federal de Sergipe, campus São Cristóvão; icmazevedo@hotmail.com.

acerca das estratégias e dos recursos diferenciados que possibilitam tornar significativas as atividades de leitura e escrita.

Em busca de especialistas que tenham essa preocupação como foco em suas pesquisas, encontramos Dra. Nukácia Araújo, professora que, desde 1995, desenvolve atividades na Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) e do Curso de Letras da UECE. Também é coordenadora do Mestrado Profissional em Letras-PROFLETRAS/UECE, além de colaborar com a equipe da Diretoria de Educação a Distância do IFCE, nos cursos da Universidade Aberta do Brasil-UAB.

Como profissional interessada em explorar didaticamente o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), apresenta-se, desde 2012, como coordenadora do projeto de pesquisa “Ferramentas para o ensino de língua portuguesa: análise e produção”, que promove investigações acadêmicas em uma perspectiva sociointeracionista de linguagem. Por meio do desenvolvimento e testagem de Objetos de Aprendizagem, os trabalhos decorrentes desses estudos visam a colaborar com o aprimoramento o ensino de leitura e escrita da língua portuguesa. Tal escopo estimula a discussão a respeito das possibilidades de didatização de gêneros textuais, de produção de materiais didáticos (impressos ou digitais), da autoria de material didático em EaD e da divulgação de materiais digitais em repositórios, entre outros temas.

INTERDISCIPLINAR - Inicialmente, gostaria que você analisasse as diferenças que observa entre o lugar que as TDIC ocupam na vida das pessoas, especialmente dos mais jovens, e na escola de educação básica, para que pudesse nos apresentar um quadro mais amplo das discussões que estão acontecendo acerca das práticas de ensino de língua portuguesa potencializadas pelas TDIC.

Dra. Nukácia Araújo - O lugar que as TDIC ocupam na escola e na vida das pessoas na atualidade, embora devesse ter alguma semelhança, ainda é bem diferente. O uso das TDIC, em determinados contextos, já se tornou tão comum que as pessoas já nem percebem que as estão usando. Para os jovens, especialmente os chamados nativos digitais (aqueles que nasceram na era digital), as TDIC parecem, digamos assim, ser uma espécie de complemento das próprias funções do corpo e constituem um grande intermediador de interações sociais. Ressalte-se que, no caso das interações sociais, não somente nativos, mas imigrantes digitais (aqueles que

nasceram antes da era digital) se rendem ao poder de interação das redes sociais, por exemplo. Veja que um adolescente ou uma criança, na contemporaneidade, sabe lidar com desenvoltura com aplicativos digitais, navega no ciberespaço e habita esse lugar como se fosse seu quarto, sua casa. Por outro lado, na escola, as TIDC entram ainda de maneira tímida como recursos que podem mediar o processo de ensino-aprendizagem. As razões desse problema passam pela resistência de muitos professores ao novo, um fenômeno de resistência natural, devido à limitada ou ausente formação de professores para o uso de tecnologias. Muitos docentes não usam tecnologia em seu fazer educativo por uma razão simples: não conhecem as potencialidades dos recursos disponíveis pelas TIDC que estão disponíveis na própria escola em forma de equipamentos ou na própria internet. Esses recursos que, embora não tenham sido pensados originalmente para o ensino – como redes sociais, por exemplo – podem se transformar em ferramenta pedagógica ou em recursos favoráveis à criação de materiais para o ensino, como os objetos de aprendizagem em mídias diversas (vídeo, áudio, software, entre outros).

No caso do ensino de LP, existem inúmeras possibilidades de uso de TIDC em sala de aula, desde o uso mais simplificado em forma de pesquisa na Web, passando pela criação pelos próprios alunos de hipertextos multimodais que, devido às potencialidades das tecnologias digitais, podem congregam várias semioses, como imagem, som e texto verbal; e chegando ao uso de jogos educacionais em forma de softwares, de infográficos digitais, por exemplo. Por último, ressalto que não faço aqui uma apologia desmedida ao uso de tecnologias. Em minha opinião, estas não suplantam, nem devem suplantam, o uso de outros recursos como os impressos, por exemplo, mas devem conviver equilibradamente com práticas pedagógicas/recursos já existentes há muito em sala de aula.

INTERDISCIPLINAR - A emergência do letramento digital e os desafios impostos pelos multiletramentos são bastante inquietantes para o professor de língua portuguesa que se vê diante da diversidade de mídias e da multiplicidade de signos. Diante disso, quais seriam as demandas formativas postas para esse profissional na atualidade?

Dra. Nukácia Araújo - O docente do século XXI não pode prescindir de dominar pelo menos relativamente o uso de tecnologias digitais desde usos mais simples como o uso para comunicação (como o e-mail e as mensagens de texto, por exemplo), até o domínio de recursos disponíveis na Web que facilitam a criação de textos

multimodais, atividades que podem ser vazadas em vídeo, em áudio, em simulações, em imagens, entre outras mídias. O desenvolvimento do letramento digital para a docência pode acontecer por intermédio de iniciativas governamentais como o PROINFO, Programa Nacional de Tecnologia Educacional, que é um programa do Governo Federal para promoção do uso pedagógico das TIDC nas escolas públicas de educação básica; por iniciativas da própria gestão da escola, que pode manter seu NTE (Núcleo de Tecnologia Educacional) funcionando adequadamente no que diz respeito a manter um pessoal qualificado (é preciso haver profissionais que entendam de tecnologia, como um *webmaster* e que possam auxiliar os professores nos usos de recursos tecnológicos) e à atualização e ao bom funcionamento de equipamentos; ou ainda pelas ações dos próprios professores, que podem dividir com colegas os saberes adquiridos em sua própria convivência ou em cursos sobre usos das TIDC para o ensino-aprendizagem dos conteúdos escolares.

Uma questão importante e que deve nos deixar tranquilos sobre o grau de domínio que devemos ter sobre as TIDC é que não precisamos dominar absolutamente todos os recursos para poder trabalhar em sala de aula com tecnologia. Podemos (e devemos) dividir descobertas com os próprios alunos que, muitas vezes, têm um grau elevado de letramento digital no uso de determinadas ferramentas e recursos da Web, por exemplo, mas não colocam esses conhecimentos a serviço da aprendizagem de conteúdos escolares. Aulas e atividades em que esses conhecimentos são valorizados tornam-se muito mais motivadoras para crianças e adolescentes e podem resultar em aprendizado real e em releitura do uso de tecnologias.

INTERDISCIPLINAR - Quais iniciativas institucionais são desenvolvidas atualmente no Brasil e como vêm contribuindo para a formação de professores em relação às TIDC?

Dra. Nukácia Araújo - Na atualidade, o grande programa de formação de professores relacionados às TIDC é o PROINFO - Programa Nacional de Tecnologia Educacional. Trata-se de um programa do Governo Federal que visa à promoção do uso pedagógico das TIDC nas escolas públicas de educação básica. É um programa de formação destinado ao uso didático-pedagógico das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) no cotidiano escolar, articulado à distribuição dos equipamentos tecnológicos nas escolas e à oferta de conteúdos e recursos multimídia e digitais”

(BRASIL, on-line)³. O PROINFO funciona de forma descentralizada, de maneira que cada estado ou município do País adere ao Programa e implementa ações, como a capacitação de docentes, normalmente na modalidade semipresencial, para o uso de TIDC e para a elaboração e o uso de material didático digital, por exemplo.

Existem ainda ações ligadas ao PROINFO que compõem o chamado PROINFO Integrado. Entre elas estão o projeto UCA – *Um computador por aluno* –, que se desenvolve em várias escolas de todo o Brasil em formato de iniciativa piloto. No UCA (<http://ucaportaldoprofessor.wordpress.com/>), alunos e professores recebem um *notebook* ou *netbook* educacional, que já vêm com aplicativos para o ensino de física, ciências e matemática, por exemplo, e o professor faz cursos para incluir a tecnologia no programa de sua disciplina, o que abrange, por exemplo, passar a conhecer repositórios de Objetos de aprendizagem como o BIOE – Banco internacional de Objetos Educacionais (objetoseducacionais2.mec.gov.br), conhecer e publicar conteúdos no Portal do Professor. Ainda dentro do PROINFO Integrado há a distribuição de *tablets* para professores de escolas de Ensino Médio que tenham laboratório do PROINFO e tenham *wi-fi*. Os *tablets* vêm com acesso ao Portal do Professor (<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/index.html>).

INTERDISCIPLINAR - É evidente que o uso das TDIC promove novas formas de organização do trabalho docente. Pensando em Educação a Distância (EaD), uma modalidade de ensino que tem crescido no Brasil e no mundo e para a qual os professores precisam estar preparados, quais são as principais exigências impostas, no trabalho em EaD, aos profissionais formados há mais tempo e também e aos recém-formados?

Dra. Nukácia Araújo - O trabalho com EaD exige rever posturas do profissional docente, especialmente no que diz respeito à produção de conteúdos de ensino. A EaD tem uma característica muito peculiar que é necessidade de o próprio professor preparar seu material didático. Esse tem sido um dos maiores desafios desta modalidade de ensino, uma vez que os cursos de licenciatura no Brasil não formam profissionais que escrevam numa perspectiva didática. Os futuros docentes são preparados para ensinar usando o discurso de outrem, que é publicado, por

³ Informação retirada de <http://www.fnde.gov.br/programas/programa-nacional-de-tecnologia-educacional-proinfo/proinfo-tablets>. Acesso em: 13 dez. 2014.

exemplo, em artigos científicos, teses e dissertações, quando se fala em ensino superior, em livros didáticos e quando se fala em educação básica. Como docente de EaD, esse profissional passa a ter que produzir o conteúdo de ensino de sua disciplina, o qual é veiculado em forma de *webaula*, que, ao mesmo tempo, é a forma de realizar o ensino (em lugar da aula presencial) e o próprio material didático (em lugar do livro, do artigo científico).

Surge desse novo contexto (e aqui me refiro à experiência de ensino na UAB- Universidade Aberta do Brasil) o grande desafio de docentes novos e antigos na atualidade: tornarem-se, da noite para o dia, professores-autores, professores que são capazes de elaborar seu próprio material didático. Enfrentar esse desafio pressupõe, em primeiro lugar, a percepção de que escrever artigos, capítulos de livros, teses e dissertações, que têm como interlocutores os próprios pares do autor (outros pesquisadores, bancas examinadoras, a própria comunidade acadêmica) e como finalidade “fazer ciência”, digamos assim, é muito diferente de escrever *webaulas* ou *e-books* que têm como interlocutores alunos de graduação (que não estão próximos física e temporalmente) e têm como finalidade “ensinar algo”. O grande segredo da escrita em EaD está justamente em saber que os dois tipos de textos circulam em domínios discursivos diferentes, têm interlocutores diferentes e finalidades diferentes, portanto, não podem ser simplesmente transpostos de um domínio para o outro (há, por exemplo, professores que acreditam poder simplesmente transpor um artigo científico para a tela e isso por si só irá se configurar uma aula em EaD). Para que o material fique adequado à nova modalidade de ensino, é preciso considerar os aspectos interacionais da interação verbal (interlocutores, finalidade discursiva, contexto de circulação) e o processo de transposição didática (CHEVALARD, 1991) em que o saber científico se transforma em saber a ser ensinado.

INTERDISCIPLINAR - Um dos objetivos do PROFLETRAS é instrumentalizar o docente de ensino fundamental a fim de elaborar material didático inovador que lance mão de recursos tecnológicos contemporâneos. Você considera que os conteúdos trabalhados com os professores que participam do PROFLETRAS contribuem para a formação em relação às TDIC? Em sua opinião, o que mais poderia ser relevante fazer?

Dra. Nukácia Araújo - Existe no PROFLETRAS uma disciplina que trata de tecnologia educacional (Elaboração de Projetos e Tecnologia Educacional). Além disso, há um estímulo para que os projetos de intervenção educacional realizados pelos mestrandos tenham componentes de tecnologia. No entanto, vejo ainda como tímidas essas iniciativas, especialmente se consideramos o tempo da disciplina que a isso é dedicada (15h/a). Entretanto, como estamos na primeira turma, e alunos e professores mostram bastante interesse pelo assunto, é natural que sigamos criando oportunidades de discussão a respeito do uso das TDIC em sala de aula e que criemos novos contextos, independente da própria disciplina, inclusive com o uso de recursos de Educação a Distância, como na utilização do ambiente virtual de aprendizagem *Moodle* para oferecer cursos ou em *webconferência*.

INTERDISCIPLINAR - Recentemente, você comentou que o Projeto CONDIGITAL, de que fizeram parte várias universidades do Brasil, como a UNICAMP, concluído em 2007, é exemplo de uma das ações do Governo Federal que visa à criação de objetos de aprendizagem, nas mídias áudio, vídeo, *software*, para alimentação do Banco Internacional de Objetos Educacionais (BIOE). Qual a importância de iniciativas como essa e qual a possibilidade de participação dos professores em projetos como esse?

Dra. Nukácia Araújo - O CONDIGITAL foi um projeto importante em que o Ministério da Educação e Cultura e o Ministério da Ciência e Tecnologia, com recursos do *Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE)*, subsidiaram equipes de pesquisadores na produção de objetos de aprendizagem (OA) para o BIOE. Coordenei a equipe da Ágora -Cooperativa de Profissionais em Educação, uma das instituições que participaram da iniciativa no Ceará. Produzimos softwares e áudios. O projeto serviu para aumentar o número de OA do BIOE, mas infelizmente foi suspenso pelo Governo Federal e não houve mais chamadas públicas para esse fim. No entanto, iniciativas como essa ainda são necessárias porque é preciso ter recursos para produzir material didático digital, uma vez que a criação e o desenvolvimento desses recursos pressupõem o trabalho de equipes multidisciplinares composta por *webdesigners*, programadores, ilustradores, roteiristas, entre outros profissionais, que normalmente não compõem equipes de pesquisadores. O que o Governo Federal tem feito depois do CONDIGITAL é esperado que pesquisadores e professores produzam material e publiquem em repositórios como o BIOE. A respeito de publicação de material em forma de Objeto

de Aprendizagem, vale a pena comentar uma iniciativa do Governo do Estado de São Paulo que, dentro do Programa Mais Educação, lançou um repositório de objetos educacionais, cujo conteúdo é recomendado por professores das escolas públicas do estado de São Paulo.

INTERDISCIPLINAR - É preciso considerar que a inclusão das TDIC, como meio para a realização de atividades pedagógicas, impacta o tempo didático e os modos de construção dos sentidos. Como você interpreta as mudanças que estão ocorrendo nas interações mediadas pelas TDIC?

Dra. Nukácia Araújo - As modificações já iniciam com a nova organização do tempo didático. Trabalhar com TDIC exige mais tempo de planejamento para a escolha dos recursos, avaliação do conteúdo, familiarização com o recurso. Na interação em sala de aula, o professor não é mais o único a dominar o conhecimento, uma vez que o letramento digital do aluno e o maior interesse gerado pelo uso das TDIC permite que o protagonismo na sala de aula seja dividido entre docente e discentes. O que se tem é uma nova configuração do espaço didático e das relações que nele acontecem.

INTERDISCIPLINAR - Você afirma que os objetos de aprendizagem promovem uma compreensão responsiva diferenciada e que essa compreensão se relaciona com a motivação causada pela própria tarefa. Poderia nos explicar melhor como se dá essa relação?

Dra. Nukácia Araújo - De acordo com Bakhtin (1997, p. 272), “toda compreensão plena real é ativamente responsiva e não é senão uma fase inicial preparatória da resposta (seja qual for a forma em que ela se dê)”. No caso do uso de OA, no ensino de conteúdos de língua portuguesa, a própria motivação para realizar as atividades já é manifestação de responsividade ativa. Esse tipo de responsividade perdura durante a interação entre aluno-aluno e aluno-conteúdo mediada pelo recurso didático digital. Usar OA em sala de aula é promover responsividade no ensino.

INTERDISCIPLINAR - Partindo dessa concepção de que todo enunciado é dirigido a alguém, e que essa relação se completa na medida em que o outro replica (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1997), por meio da atitude responsiva, como as novas

interações promovidas pelos objetos de aprendizagem, mediados por TDIC, estão alterando os processos de aprendizagem dos estudantes?

Dra. Nukácia Araújo - O maior grau de envolvimento do aluno em interações promovidas por objetos de aprendizagem altera as formas de aprender e o grau de interesse dos discentes por tarefas que, em contextos em que a tecnologia não estava presente, acontecia com menos êxito. Usar OA como recursos que complementam, introduzem, enriquecem conteúdos de ensino é, antes de qualquer coisa, desenvolver atitudes responsivas em sala de aula.

INTERDISCIPLINAR - Poderia orientar o professor da educação básica a como se inserir nos novos contextos educacionais decorrentes dos usos das TDIC e os professores universitários a como reorganizar os processos formativos?

Dra. Nukácia Araújo - A palavra de ordem tanto para o professor da educação básica quanto para o professor universitário é inovar. Procurar conhecer as potencialidades das TDIC, experimentar usos, explorar ambientes digitais, planejar ações didáticas que ultrapassem o uso da lousa, do pincel e do impresso. Também nos dois universos será importante considerar a participação dos alunos na decisão de que recursos e de que forma usar, propor o uso de mídias diversas (áudio, imagem estáticas, imagens em movimento, simulações, jogos digitais), de ferramentas colaborativas, para criar em sala novas formas de comunicar, de produzir novos conhecimentos coletivamente.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M./VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1997.

CHEVALLARD, Y. **La Transposition Didactique**: du savoir savant au savoir enseigné. Grenoble: La Pensée Sauvage, 1991.

BAUMAN, Zygmund. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007

Recebido em 29 de abril de 2015 | Aprovado em 19 de junho de 2015

